

DEZEMBRO

Tempo de comilança, de noite e de dia

A constelação de Órion no alto do céu marca as noites curtas e quentes de verão. Vagalumes quebram a escuridão com o acende-apaga dos seus códigos luminosos de acasalamento. Içás, siriris e outras formigas e cupins alados invadem as tardes mais abafadas, anunciando a formação de novos ninhos e antecipando chuvas pesadas. Chegam a competir com as estrelas, em número, constituindo um verdadeiro banquete para sapos, aves e morcegos. Palmeiras de toda espécie exibem cachos de frutos, atraindo multidões de roedores, cuja presença é apenas constatada por sinais de dentes nos coquinhos caídos no chão. A grande maioria dos ratos silvestres e aparentados tem hábitos noturnos e aprendeu a se movimentar de modo silencioso, na tentativa de escapar dos predadores. Não enganam os ouvidos aguçadíssimos das corujas, mas, em geral, ficam longe do alcance da vista humana.



LIVIA JOHN



MARULLO PALO JR

Pequenos aprendizes

Relativamente perto das moradias dos homens, mas quase sempre fora do alcance dos olhos, os filhotes de suçuaranas (*Felis concolor*) nascem em ninhadas de um a três, com pintas castanhas para ficarem mais bem escondidos de eventuais predadores. Embora não tenham uma época do ano muito definida para dar cria, as onças pardas tendem a seguir a regra geral dos mamíferos e se reproduzir na primavera/verão. De hábitos solitários e quase exclusivamente noturnos, as pardas só saem em pequenos grupos no período em que a mãe ensina os filhotes a caçarem. Estes logo perdem as pintas, mas só deixarão de ser aprendizes quando estiverem perto da maturidade sexual, com cerca de um ano e meio. Então serão obrigados a procurar o próprio território. As fêmeas às vezes permanecem em áreas próximas ou mesmo sobrepostas. Já os machos terão que andar mais, para se instalar onde não existam concorrentes, do contrário terão que disputar o território ou não conseguirão estabelecer descendência.

Frutos silvestres, chá caseiro

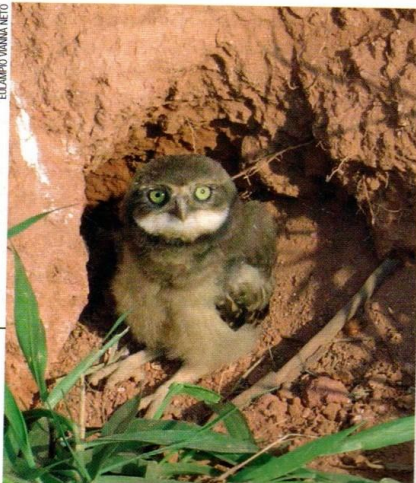
Os frutos amarelo-esverdeados, pequenos e redondos, têm um gosto parecido com o da goiaba (*Psidium guayava*), da mesma família. Mas o araçá (*Psidium guineense*) é menos domesticado e mais gostoso. Ao menos na opinião das aves, a julgar pela alta porcentagem de frutos bicados no pé, mesmo quando ainda estão 'de vez', ou seja, um pouquinho antes de ficarem maduros. Arbusto típico de matas ciliares, o araçá alcança cerca de 3

metros de altura e chega a frutificar duas ou três vezes por ano, entre o fim da primavera e início do outono, se estiver localizado bem próximo da água. A espécie também ocorre em regiões mais secas, de cerrado, ou até na transição para a caatinga, como na Chapada Diamantina, na Bahia. Mas aí frutifica uma vez só. Nas comunidades mais tradicionais, suas folhas mais novas são utilizadas contra diarreias, em chás caseiros.

Coruja 'meio' diurna

De ampla distribuição em quase todo o Brasil, incluindo as áreas habitadas pelo homem, a coruja buraqueira (*Athene cunicularia*) agora já tem novos filhotes, que nascem em buracos abandonados de tatu, ampliados para acomodar uma câmara de postura, ou em tocas especialmente construídas pelo casal. Em geral, são postos quatro ovos e os filhotes começam a aparecer na entrada do buraco, para tomar sol, quando nascem as primeiras penas. Um dos adultos sempre monta guarda e avisa quando há perigo, com gri-

tos repetidos e estridentes. Os filhotes então se recolhem e esperam o perigo passar para voltar a por o bico para fora. Apesar de se manterem ativas durante o dia, as corujas buraqueiras não são exatamente diurnas, pois se alimentam após o crepúsculo, sobretudo de besouros, embora não dispensem ratos e até escorpiões.



ELIAMPYO VANINA NETO



MARCELA FERREIRO

Longe da piracema

Fim de ano não significa fim do lazer para o pescador esportivo. Mas quem não quiser se enquadrar nas limitações impostas pela legislação do defeso da piracema, terá que ir mais longe: até Roraima, norte do país, na fronteira com Venezuela e Guiana. Com 90% do território acima da linha do Equador, Roraima tem um regime de chuvas diferenciado em relação às demais regiões do Brasil. A época de cheia é no meio do ano. Agora os rios estão baixos, na calha. Piracema, por lá, só em março. O período de defeso definido pelo Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e Recursos Naturais Renováveis (Ibama) para os rios de Roraima vai de 1º de março a 30 de junho do ano que vem. O Estado tem uma rica bacia hidrográfica e os esportivos peixes amazônicos estão lá: jaú, pirarara, cachara, jundiá, matrinxã, trairão, jatuarana e tucunaré que, com a água baixa e limpa, é a atração maior até fevereiro. O pescador precisa respeitar a tabela de tamanhos mínimos de cada espécie e a cota de captura que, em Roraima, é de 10 kg mais um exemplar de qualquer espécie. Para os turistas, pescar em Roraima exige tempo, dinheiro e espírito aventureiro. Mas quem já foi garante: vale a viagem.

LIANA JOHN E VALDEMAR SIBINELLI